

Às Famílias, Alunos e Professores,

Comentarista: Prof. José Nilton Carvalho Pereira

Texto integral, anexo: Os gurus digitais criam os filhos sem telas

“No Vale do Silício proliferam escolas sem **tablets** nem computadores e jardins da infância onde o celular é proibido por contrato.”

FRASES OU TRECHOS EM DESTAQUE

1. “Não acreditamos na caixa preta, na ideia de que você coloca algo em uma máquina e sai um resultado sem que se compreenda o que acontece lá dentro. Se você faz um círculo perfeito com um computador, deixa de ter o ser humano tentando alcançar essa perfeição. **O que desencadeia o aprendizado é a emoção**, e são os seres humanos que produzem essa emoção, não as máquinas.” (3.º parágrafo)
2. “Criatividade é algo essencialmente humano. Se você coloca uma tela **diante de uma criança pequena** (grifo nosso), você limita suas habilidades motoras, sua tendência a se expandir, sua capacidade de concentração.” (3.º parágrafo)
3. “Os adultos que melhor entendem a tecnologia dos celulares e dos aplicativos querem que seus filhos se afastem dela. Os benefícios das telas na educação infantil são limitados, argumentam, enquanto o risco da dependência é alto.” (4.º parágrafo)

Comentarista: Prof. José Nilton Carvalho Pereira

- a) Comentários: Na Educação Infantil e Ensino Fundamental I (ou de 3 a 11 anos), é indispensável a criança desenvolver a INTELIGÊNCIA EMOCIONAL, VALORES ÉTICOS FAMILIARES e IDIOSINCRASIAS, seja qual for a família. O que não pode é a criança ficar isolada de outras da mesma faixa etária. Criança isolada ou solitária é um perigo progressivamente assustador. É aí que nasce o império da rejeição: o ódio, a raiva, o desprezo, a antipatia, o bloqueio de sentimentos positivos, com consequências perturbadoras como a antropofobia (aversão a relacionamentos sociais com homens ou mulheres).
 - b) O desenvolvimento aceitável da INTELIGÊNCIA EMOCIONAL é uma ponte de acesso ao domínio prévio dos QUATRO PILARES DA EDUCAÇÃO PARA O SÉCULO XXI, trabalho realizado para a UNESCO e coordenado pelo educador francês – Jacques Delors - ao final do século XX, o que resultou nos seguintes pilares: 1. APRENDER A APRENDER (ou aprender de forma crítica e construtiva de significados); 2. APRENDER A FAZER (ou aprender e praticar a resultante do aprendizado, de forma dialética e bitransitiva); 3. APRENDER A CONHECER A SI MESMO (desenvolver o pleno conhecimento de si mesmo, de valores socioculturais e socioambientais, como se fosse um retorno à EDUCAÇÃO SOCRÁTICA, o “conhece-te a ti mesmo”; 4. APRENDER A CONVIVER (desenvolver relacionamentos interpessoais, priorizando habilidades e competências de cada grupo, na área cultural, esportiva, religiosa, filosófica, etc.)
4. “Bill Gates, criador da Microsoft, limitou o tempo de tela de seus filhos. Não temos telefones na mesa quando estamos comendo e só lhe demos celulares quando completaram 14 anos, disse ele em 2017.” (5.º parágrafo)
 5. “O problema da relação das crianças com a tecnologia é que o ritmo vertiginoso em que se transforma dificulta a reflexão e o estudo.” (8.º parágrafo)
 6. “Um estudo publicado em janeiro deste ano pela revista médica JAMA Pediatrics revelou que um tempo maior diante das telas aos **dois e três anos** (grifos nossos) **está associado com atrasos das crianças** em atingir marcos do desenvolvimento dois anos depois.” (9.º parágrafo)
 7. “**Outros estudos relacionam o uso excessivo de telefones celulares por adolescentes com falta de sono, risco de depressão e até de suicídios.**” (grifos nossos, 9.º parágrafo)
 8. “A Academia de Pediatras dos Estados Unidos publicou algumas recomendações em 2016: a) evitar o uso das telas **para crianças menores de 18 meses**; b) apenas conteúdos de qualidade e visualizações na companhia de pais, **para crianças entre 18 e 24 meses**; uma hora por dia de conteúdo de qualidade **para crianças entre dois e cinco anos de idade**; e, a partir dos seis anos, limites coerentes no uso do tempo e conteúdo.” (grifos nossos, 9.º parágrafo)

9. “Junte 100 bilhões de neurônios – com 100 trilhões de conexões – e terá um cérebro humano, capaz de fazer muito , mas muito mais.” Fonte: Revista **Scientific America** (Brasil)”

Comentarista: Prof. José Nilton Carvalho Pereira

- a) Foi o mago Bill Gates um dos primeiros a alertar, de forma contundente, sobre os perigos do excesso de tecnologia para crianças de Educação Infantil e Ensino Fundamental I, em referência ao bloqueio do desenvolvimento de emoções em relação à construção de sinapses cerebrais. Segundo a Wikipédia sinapses “*são zonas ativas de contato entre uma terminação nervosa e outros neurônios, células musculares ou células glandulares*”. As sinapses cerebrais são, pois, neurotransmissores capazes de conduzir sinais bioelétricos, em conexão com células musculares, glandulares e outras células nervosas.
- b) Uma criança bem alimentada - com desenvolvimento pleno da inteligência emocional - pode aprimorar plenamente o cérebro, a partir de um conjunto de neurônios:

Tabela 2. Tempo de aprender. Períodos “críticos” mais propícios ao desenvolvimento de habilidades.

Funções	Faixa ótima de desenvolvimento
Visão	0-6 anos
Controle emocional	9 meses-6anos
Formas comuns de reação	6 meses-6 anos
Símbolos	18 meses-6anos
Linguagem	9 meses-8 anos
Habilidades sociais	4 anos-8 anos
Quantidades relativas	5 anos-8 anos
Música	4 anos-11 anos
Segundo idioma	18 meses-11 anos

Reformulado de Doherty, 1997.

Fonte: Amauri Betini bartoszeck* e Flávio Kalewicz Bartoszeck**

*Fellow in Basic Medical Education, Departamento de Fisiologia, Lab. de Neurociência & Educação, UFPR;

** Instituto de Neurociência & Educação.

10. TEMPO DE APRENDER. Períodos críticos mais propícios ao desenvolvimento de habilidades

Comentarista: Prof. José Nilton Carvalho Pereira

- c) Observe, na tabela anterior, que o momento mais propício ao desenvolvimento das **HABILIDADES SOCIAIS** é de 4 a 8 anos. Implicação e resultado: crianças, nessa idade, quando isoladas ou escravizadas da tecnologia, terão mais dificuldade de interagir com outras crianças ou outras pessoas, provocando o terrível fenômeno do isolamento individual ou de enclausuramento pessoal. É perigosíssimo.

11. “Quando a tecnologia se generalizou, o problema é o contrário: as famílias com elevado poder aquisitivo têm mais facilidade para impedir que seus filhos passem o dia na frente dos celulares. **Enquanto os filhos das elites do Vale do Silício são criados entre lousas e brinquedos de madeira, os das classes baixa e média crescem colados nas telas.**”(grifos nossos, 10.º parágrafo)

12. DIFICULDADE DE CONTROLE DO CELULAR PELOS PAIS

Muitas famílias têm dificuldade de controlar impulsos dos filhos: “Tenho um filho de 12 anos e outro de 6. Não sei quantas vezes eles se jogaram no chão gritando como loucos se eu lhes tirava o tablet. Estive nessa posição como mãe e sei que não é fácil.” (parágrafo 12)

13. REAÇÃO DOS FUNCIONÁRIOS DE GRANDES EMPRESAS DE TECNOLOGIA

“Funcionários das grandes empresas de tecnologias reuniram no ano passado em uma iniciativa chamada ‘A VERDADE SOBRE A TECNOLOGIA’. Seu objetivo é convencer as empresas da necessidade de introduzir **PARÂMETROS ÉTICOS**

(maiúsculas nossas) na concepção de ferramentas utilizadas diariamente por bilhões de pessoas, incluindo crianças.” **(parágrafo 13)**

14. SINAIS DE MUDANÇA

“Mas algo está começando a mudar. Os gigantes tecnológicos, cada vez mais questionados em suas políticas comerciais e de privacidade, começam a introduzir mudanças em seus produtos, exceções tímidas ao sacrossanto princípio de captar mais atenção.” **(parágrafo 14)**

15. REAÇÃO DOS INVESTIDORES POR MUDANÇA: VÍCIO DAS CRIANÇAS NOS CELULARES

“No ano passado, dois grandes investidores da Apple, a Jana Partners e a Cal STRS (fundo de aposentadoria dos professores da Califórnia), detentores em conjunto de cerca de 2 bilhões de dólares em ações, enviaram uma CARTA ABERTA (maiúsculas nossas), pedindo que tomem mais medidas contra o vício das crianças nos celulares.” **(parágrafo 16)**

16. AS EMPRESAS DE TECNOLOGIA COMEÇAM A MUDAR

“A Apple respondeu apresentando o Screen Time (tempo de tela), uma nova ferramenta que ajuda a controlar e limitar o uso de dispositivos móveis. O Google incorporou uma ferramenta semelhante, a Digital Wellbeing (bem-estar digital)” **(parágrafo 17)**

17. A PROFISSÃO DE “BABÁ DE CRIANÇAS” NO VALE DO SILÍCIO

17.1 O CELULAR DAS BABÁS, PROIBIDO POR CONTRATO

“Trabalhei em casas em que tinha de deixar o telefone na guarita da residência toda vez que entrava, disse Janie Martinez, que passou 15 anos como babá na região. Eu não podia olhar o telefone durante todo o meu dia de trabalho.” **(parágrafo 20)**
O texto informa, ainda que “cada vez mais famílias incluem essas cláusulas nos contratos”.

17.2 CENA PITORESCA DA CULTURA AMERICANA: PAIS NA FUNÇÃO DE “ESPIÕES DE BABÁS”

“Alguns pais vão ainda mais longe. Eles se dedicam a passear pelos parques em busca de babás que estão de olho em seus celulares enquanto cuidam dos filhos dos outros. Quando acreditam ter encontrado alguma, fotografam e as denunciam em grupos de mães na internet.” São os “espiões de babás”. **(parágrafo 23)**

SUGESTÃO FINAL ÀS FAMÍLIAS:

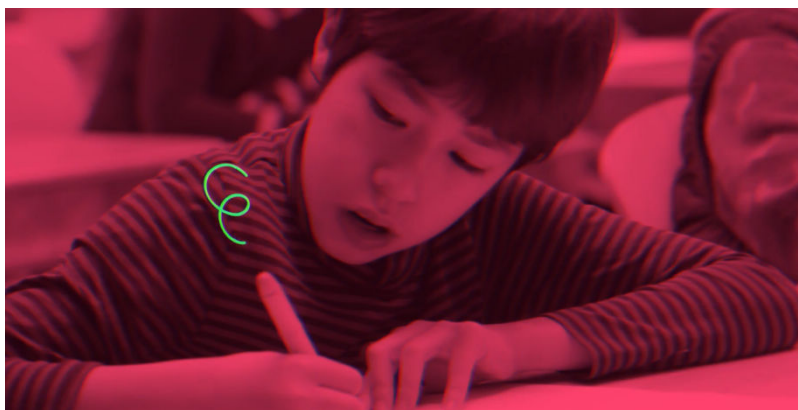
ACOMPANHAR, NA INTERNET, A SÉRIE CRESCER CONECTADOS

Texto integral, anexo: Os gurus digitais criam os filhos sem telas

Para novos comentários e esclarecimentos: colegioapoio@colegioapoio.com.br / atendimento@colegioapoio.com.br

COMENTARISTA: Prof. José Nilton Carvalho Pereira*

* Diretor-geral do Colégio Apoio, membro da Diretoria da Academia Baiana de Educação e Vice-presidente do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (IGHB)



Os gurus digitais criam os filhos sem telas

No Vale do Silício proliferam escolas sem tablets nem computadores e jardins da infância onde o celular é proibido por contrato

PABLO GUIMÓN

Palo Alto (Califórnia, EUA) 28 MAR 2019 - 12:59 CET

A professora, armada com giz colorido, acrescenta frações no grande quadro-negro, emoldurado em madeira rústica, que cobre a parede frontal da classe. As crianças da quarta série, 9 e 10 anos, fazem suas contas nas carteiras com lápis e cartelas. A sala de aula é revestida de papéis: mensagens, horários, trabalhos dos alunos. Nenhum saiu de uma impressora. Nada, nem mesmo os livros didáticos, que as próprias crianças elaboram à mão, foi feito por computador. Não há nenhum detalhe nesta aula que possa estar fora de sintonia com as memórias escolares de um adulto que frequentou a escola no século passado. Mas estamos em Palo Alto. O coração do **Vale do Silício**. Epicentro da economia digital. Habitat daqueles que pensam, produzem e vendem a tecnologia que transforma a sociedade do século XXI.

Escolas de todo o mundo se esforçam para introduzir computadores, tablets, quadros interativos e outros prodígios tecnológicos. Mas aqui, no **Waldorf of Peninsula**, uma escola particular onde são educados os filhos de administradores da Apple, Google e outros gigantes tecnológicos que rodeiam esta antiga fazenda na Baía de São Francisco, as telas só entram quando eles chegam ao secundário (o **ensino médio**).

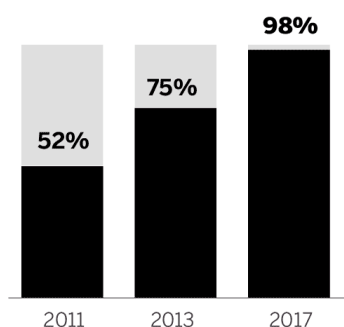
"Não acreditamos na caixa preta, na ideia de que você coloca algo em uma máquina e sai um resultado sem que se compreenda o que acontece lá dentro. Se você faz um círculo perfeito com um computador, deixa de ter o ser humano tentando alcançar essa perfeição. O que desencadeia o **aprendizado é a emoção**, e são os seres humanos que produzem essa emoção, não as máquinas. Criatividade é algo essencialmente humano. Se você coloca uma tela diante de uma criança pequena, você limita suas habilidades motoras, sua tendência a se expandir, sua capacidade de concentração. Não há muitas certezas em tudo isso. Teremos as respostas daqui a 15 anos, quando essas crianças forem adultas. Mas queremos correr o risco?", pergunta Pierre Laurent, pai de três filhos, engenheiro de computação que trabalhou na Microsoft, na Intel e em várias **startups**, e agora preside o conselho da escola.

Suas palavras ilustram o que está começando a ser um consenso entre as elites do Vale do Silício. Os adultos que melhor entendem a tecnologia dos celulares e dos aplicativos querem que seus filhos se afastem dela. Os benefícios das telas na educação infantil são limitados, argumentam, enquanto o risco de dependência é alto.

USO DE CELULARES EM MENORES NOS ESTADOS UNIDOS

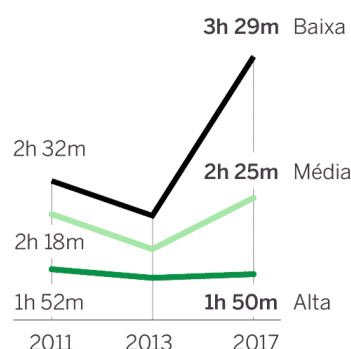
Famílias onde há pelo menos uma criança menor de oito anos

CASAS COM CELULAR

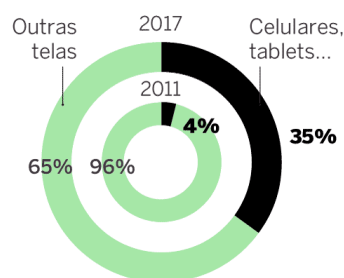


TEMPO DE USO DE TELAS

Média diária de acordo com a renda

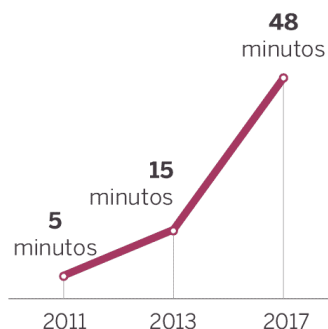


DISPOSITIVOS ELETRÔNICOS EM CASA



TEMPO DE USO DE CELULARES

Média diária



Fonte: Common Sense Media. EL PAÍS

Os pioneiros tinham isso claro desde o início. **Bill Gates, criador da Microsoft**, limitou o tempo de tela de seus filhos. "Não temos telefones na mesa quando estamos comendo e só lhes demos celulares quando completaram 14 anos", disse ele em 2017. "Em casa, limitamos o uso de tecnologia para nossos filhos", explicou **Steve Jobs, criador da Apple**, em uma entrevista ao *The New York Times* em 2010, na qual disse que proibia os filhos de usarem o recém-criado iPad. "Na escala entre doces e crack, isso está mais próximo do crack", declarou Chris Anderson, ex-diretor da revista *Wired*, bíblia da cultura digital, também ao *The New York Times*.

Laurent, que só deu um celular ao filho mais novo quando ele estava no último ano do ensino básico (14 ou 15 anos), alerta para uma mudança perigosíssima no modelo de negócios, do qual foi testemunha em sua vida profissional. "Qualquer um que faz um aplicativo quer que seja fácil de usar", explica. "É assim desde o começo. Mas antes queríamos que o usuário ficasse feliz em comprar o produto. Agora, com *smartphones* e *tablets*, o modelo de negócios é diferente: o produto é gratuito, mas são coletados dados e colocados anúncios. Portanto, o objetivo hoje é que o usuário passe mais tempo no aplicativo, a fim de coletarem mais dados ou colocarem mais anúncios. Ou seja, a razão de ser do aplicativo é que o usuário gaste o máximo de tempo possível diante da tela. Eles são projetados para isso."

"NÃO PODIA CHECAR O TELEFONE EM TODO O MEU DIA DE TRABALHO E AS CRIANÇAS NÃO PODIAM OLHAR PARA AS TELAS DURANTE O TEMPO EM QUE ESTAVAM COMIGO. É UMA LOUCURA"

JANIE MARTÍNEZ, BABÁ DE FAMÍLIA DE EXECUTIVO

O problema da relação das crianças com a tecnologia é que o ritmo vertiginoso em que se transforma dificulta a reflexão e o estudo. Uma **pesquisa da Common Sense Media**, organização sem fins lucrativos, "dedicada a ajudar as crianças a se desenvolverem em um mundo de mídia e tecnologia", dá uma ideia da velocidade das mudanças: as crianças norte-americanas de zero a oito anos passavam em 2017 uma média de 48 minutos por dia no celular, três vezes mais que em 2013 e 10 vezes mais que em 2011. "Quando teve início todo esse furor pelos *smartphones*?", se pergunta María Álvarez, vice-presidenta da organização. "Não tem mais que 12 ou 13 anos. E os primeiros *tablets* ainda menos. É preciso ainda muitas pesquisas para determinar qual é o impacto que essa exposição pode ter nas crianças pequenas. Mas há alguns estudos que começam a ver uma relação entre essa tecnologia e certos marcos na educação. Eles oferecem indicações que os pais precisam levar em conta."

Um estudo publicado em janeiro deste ano na revista médica *JAMA Pediatrics* revelou que um tempo maior diante da tela aos dois e três anos **está associado com atrasos das crianças** em atingir marcos do desenvolvimento dois anos depois. Outros estudos relacionam o uso excessivo de telefones celulares por adolescentes com falta de sono, risco de depressão e até suicídios. A Academia de Pediatras dos Estados Unidos publicou algumas recomendações em 2016: evitar o uso de telas para crianças menores de 18 meses; apenas conteúdo de qualidade e visualizações na companhia de pais, para crianças entre 18 e 24 meses; uma hora por dia de conteúdo de qualidade para crianças entre dois e cinco anos de idade; e, a partir dos seis anos, limites coerentes no tempo de uso e conteúdo.

Acontece que definir limites não é fácil para os pais que trabalham. E isso leva a uma redefinição do que significa a brecha digital. Até recentemente, a preocupação era que as crianças mais ricas levassem vantagem por acessar a Internet antes. Hoje, segundo a Common Sense Media, 98% dos domicílios com filhos nos EUA possuem celulares, ante 52% em 2011. Quando a tecnologia se generalizou, o problema é o contrário: as famílias com elevado poder aquisitivo têm mais facilidade para impedir que seus filhos passem o dia na frente de celulares. Enquanto os filhos das elites do Vale do Silício são criados entre lousas e brinquedos de madeira, os das classes baixa e média crescem colados em telas.

Adolescentes de famílias de baixa renda, de acordo com um estudo da Common Sense Media, gastam duas horas e 45 minutos por dia a mais nas telas do que aqueles de famílias de alta renda. Outros estudos indicam que crianças brancas são significativamente menos expostas a telas do que negras ou hispânicas. A lacuna é vista até mesmo dentro do Vale do Silício. Dirigindo 15 minutos para o norte, partindo do Waldorf of Peninsula, instituição cuja matrícula é de cerca de 30.000 dólares por ano (117.000 reais), chega-se à escola pública Hillview. A primeira só introduz as telas no secundário. A segunda anuncia um programa pelo qual cada aluno tem um iPad. Na primeira, o visitante é recebido por um espantalho rústico, colocado em uma horta que os alunos cultivam. Na segunda, por uma tela de LED que expõe os comunicados do dia.

"Quantas famílias trabalhadoras podem se dar ao luxo de deixar seus filhos completamente longe das telas?", pergunta Álvarez, da Common Sense Media. "Não acho que isso seja algo realista para a maioria das famílias. Tenho um filho de 12 e outro de 6. Não sei quantas vezes eles se jogaram no chão gritando como loucos se eu lhes tirava o *tablet*. Estive nessa posição como mãe e sei que não é fácil."

Funcionários das grandes empresas de tecnologia se reuniram no ano passado em uma iniciativa chamada *A Verdade Sobre a Tecnologia*. Seu objetivo é convencer as empresas da necessidade de introduzir parâmetros éticos na concepção de ferramentas utilizadas diariamente por bilhões de pessoas, incluindo crianças. "A engenharia da computação foi por muito tempo algo muito técnico, não havia uma ideia clara do impacto que isso teria nas pessoas, e menos ainda nas crianças", explica Pierre Laurent. "Não havia a consciência de que tínhamos que lidar com a ética. Algo que acontece, por exemplo, se você trabalha na indústria médica. Na tecnologia nunca houve um código ético claro."

É uma luta desigual. Pais superatarefados contra equipes de engenheiros e psicólogos que projetam tecnologia para manter seus filhos viciados. Mas algo está começando a mudar. Os gigantes tecnológicos, cada vez mais questionados em suas políticas comerciais e de privacidade, começam a introduzir mudanças em seus produtos, exceções tímidas ao sacrossanto princípio de captar mais atenção.

"QUANTAS FAMÍLIAS TRABALHADORAS PODEM SE DAR AO LUXO DE AFASTAR COMPLETAMENTE SEUS FILHOS DAS TELAS?"

MARÍA ÁLVAREZ, COMMON SENSE MEDIA

No ano passado, dois grandes investidores da Apple, a Jana Partners ea CalSTRS (fundo de aposentadoria de professores da **Califórnia**), detentores em conjunto de cerca de 2 bilhões de dólares em ações (7,8 bilhões de reais), enviaram uma carta aberta aos chefes da empresa de Cupertino, pedindo que tomem mais medidas contra o **vício das crianças nos celulares**. "Analisamos as evidências e acreditamos que há uma clara necessidade da Apple de oferecer aos pais mais opções e ferramentas para ajudá-los a garantir que os jovens consumidores usem seus produtos da melhor forma", escreveram eles.

A **Apple** respondeu apresentando o *Screen Time*, uma nova ferramenta que ajuda a **controlar e limitar o uso** de dispositivos móveis. O **Google** incorporou uma ferramenta semelhante, a *Digital Wellbeing*. Para os críticos, são apenas remendos que não atacam o problema subjacente: a natureza viciante dos produtos. Até que isso seja abordado, os pais serão responsáveis por orientar seus filhos neste mundo de potencial incerto.



Plantas, móveis de madeira, lápis e uma lousa se destacam na sala de aula no colégio Waldorf of Peninsula do Vale do Silício P. L.

"Nós incentivamos os pais a serem mais proativos quando se trata de procurar conteúdo", conclui Álvarez. "A chave é como aprendemos a equilibrar, a tirar proveito, a limitar o uso e a saber que, para sua saúde física e mental, é preciso haver momentos na família em que nada disso seja usado. Temos uma campanha que convida as pessoas a comer e jantar sem celulares, sem um dispositivo constantemente interrompendo com notificações. Recomendamos também o uso compartilhado dos dispositivos e conversar com as crianças sobre o que elas veem. E é importante que sejamos um modelo para os nossos filhos. Se estamos olhando compulsivamente para o celular, justificando que é para o trabalho, que mensagem estamos passando?"

Esta reportagem é a primeira parte do Crescer Conectados, uma série de artigos que explora a vida de crianças e adolescentes em um mundo digital. Os códigos mudaram, as crianças aprendem, brincam e interagem através de redes e telas, cercadas por algoritmos e big data, de modo natural em ambientes em que adultos se movimentam com desconforto. O Crescer Conectados reflete sobre os desafios que enfrentam e as possibilidades que se abrem para estas gerações. O que as crianças e adolescentes fazem, onde estão e como usam a tecnologia? Têm entre 3 e 18 anos: elas serão nossos guias.

O CELULAR DAS BABÁS, PROIBIDO POR CONTRATO



Uma sala de aula no colégio Waldorf of Peninsula do Vale do Silício PIERRE LAURENT

P. G.

A obsessão no Vale do Silício por afastar as crianças da tecnologia transcende as paredes da sala de aula. Quando as crianças saem da escola, tentam fazer com que continuem sem tocar ou ver as telas. A prática de exigir que as babás assinem "contratos sem uso do telefone celular" está se generalizando nas famílias de altos executivos de empresas de tecnologia no Vale.

"Trabalhei em casas em que tinha de deixar o telefone na guarita da residência toda vez que entrava", disse Janie Martínez, que passou 15 anos como babá na região. "Eu não podia olhar o telefone durante todo o meu dia de trabalho, e as crianças não podiam ver telas durante o tempo que estavam comigo. É uma loucura."

Martínez trabalhou para famílias "de alto perfil" no mundo da tecnologia, incluindo a de Mark Zuckerberg, fundador do Facebook, afirma. Trabalhos que, nos casos mais extremos, podem ser remunerados com até 100.000 dólares por ano (390.000 reais). "Quanto maior o perfil das famílias, mais se preocupavam com essa questão", diz ela. "Não queriam que seus filhos olhassem para uma tela e, por contrato, impediam que eu usasse o telefone. Isso era frustrante para mim. Como cuidadoras, precisamos do telefone para uma emergência. Não só para que os pais das crianças nos localizem, mas também para nossas próprias famílias."

Syma Latif, diretora da agência de babás Bay Area Sitters, que coloca 200 cuidadoras na região do Vale do Silício, confirma essa tendência. "Há cada vez mais famílias que incluem essas cláusulas nos contratos. Sem dúvida é algo muito comum", diz. "Quando falamos sobre tempo de tela e babás, há dois aspectos a considerar: seu próprio tempo de tela e o da criança. Os contratos normalmente incluem algo relacionado a ambos. Mas uma coisa é dizer: 'Este é meu filho e o tempo de tela só é permitido em determinadas horas'. Tudo bem, porque você trabalha para essa pessoa. A zona cinzenta começa quando o seu tempo de tela é determinado. O empregador tem o direito de te dizer que você não pode estar no telefone? E se você tiver um filho na escola e necessitar de acesso ao telefone, caso precise ser localizado, ou um pai ou um mãe em casa que precisem de ajuda?"

Alguns pais vão ainda mais longe. Eles se dedicam a passear pelos parques em busca de babás que estão de olho em seus celulares enquanto cuidam dos filhos dos outros. Quando acreditam ter encontrado alguma, fotografam e as denunciam em grupos de mães na Internet. São os "espiões das babás". Existem sites como *Eu Vi a Sua Babá* em que essas fotos são compartilhadas.

"Acontece muito nos parques", explica Anita Castro, com 10 anos de experiência como cuidadora de crianças na região. "Eles nem sequer nos conhecem, tiram uma foto, colocam nas redes sociais e perguntam: 'Essa é sua babá?'. Mas não sabem que podemos estar nos comunicando com os pais. E nem se eu sou a babá ou uma parente. É uma invasão da privacidade. Em alguns trabalhos eu me sentia observada. Percebi que tinham câmeras na casa. E até as crianças me vigiavam: olhava a hora e elas me perguntaram se eu estava enviando mensagens e para quem. Então, eu sabia que haviam tido essa conversa com seus pais, que pediram para lhes contar se eu estivesse no telefone".